

A REPORTAGEM JORNALÍSTICA E A COMPREENSÃO COMO MÉTODO: UM ESTUDO DA SÉRIE “UM MUNDO DE MUROS”, DA FOLHA DE S. PAULO

Carolina Moura Klautau

Mestre em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero
Graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal do Pará (UFPA)

E-mail: carolklautau@gmail.com

Dimas A. Künsch

Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP)
Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp)

E-mail: dimas.kunsch@metodista.br

Renata Carraro

Mestre e doutoranda em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp)

Professora das Faculdades Integradas Rio Branco e da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM)

E-mail: recarraro69@gmail.com

RESUMEN

Serie de siete reportajes multimedia publicada por la *Folha de S.Paulo*, “Un Mundo de Muros” es objeto de nuestro estudio en este ensayo, que reafirma el lugar de prestigio del reportaje en el ámbito del periodismo interpretativo y de un pensamiento teórico y epistemológicamente fundado en la idea de comprensión, en el sentido primordialmente de abrazar, integrar, incluir, contextualizar, de mirar los hechos y situaciones de la actualidad en su complejidad. Elementos de la propia teoría del reportaje que sirven de auxilio en la tarea de mostrar, más que demostrar, las virtualidades de ese género periodístico, ayer como hoy, que pueden ser potencializados con los recursos generados por las tecnologías digitales.

Palabras clave: Comunicación, la comprensión como método, reportaje periodístico, reportaje multimedia, periodismo interpretativo.

RESUMO

Série de sete reportagens multimídia publicada pela *Folha de S.Paulo*,

“Um Mundo de Muros” é objeto de nosso estudo neste ensaio, que reafirma o lugar de prestígio da reportagem no âmbito do jornalismo interpretativo e de um pensamento teórica e epistemologicamente fundado na ideia de compreensão, no sentido primordialmente de abraçar, integrar, incluir, contextualizar, de olhar os fatos e situações da atualidade em sua complexidade. Elementos da própria teoria da reportagem nos servem de auxílio na tarefa de mostrar, mais que demonstrar, as virtualidades desse gênero jornalístico, ontem como hoje, que podem ser potencializadas com os recursos gerados pelas tecnologias digitais.

Palavras chave: Comunicação, a compreensão como método, reportagem jornalística, reportagem multimídia, jornalismo interpretativo.

ABSTRACT

The subject of our study in this essay is “A World of Walls”, a series of reporting stories published by brazilian daily newspaper *Folha de S.Paulo*. The series confirms the privileged place of reporting in interpretive journalism and expresses a thought based on the theoretical and epistemological notion of comprehension – meaning to embrace, to integrate, to included, to contextualize, to look upon the facts and events of today in its complexity. We base our discussion on elements of theory of reporting that are helpful to show the virtualities of reportage from the past and the present that may be improved with the ICT resources.

Keywords: Communication, comprehension as a method, reporting, multimedia reporting, interpretive journalism.

A REPORTAGEM JORNALÍSTICA E A COMPREENSÃO COMO MÉTODO: UM ESTUDO DA SÉRIE “UM MUNDO DE MUROS”, DA FOLHA DE S. PAULO

Uma pergunta o agricultor somali Noor Addow, de 45 anos de idade, pede à reportagem que não lhe seja feita: o momento em que morreram, horas depois de terem nascido, os filhos gêmeos de uma de suas duas esposas, Fatma, a mais nova, de 19 anos.

“Fatma deu à luz embaixo de uma árvore. Eram gêmeos. Osman morreu no meio da noite, nos braços do pai. Khadija morreu de manhã, no colo da mãe”, escreve Patricia Campos Mello, que viajou com o repórter fotográfico Lalo de Almeida, da *Folha de S. Paulo*, para trazer dessa parte do continente africano o drama dos deserdados da terra, na reportagem “Na fronteira dos desprovidos, quem foge da fome se depara com o terror” (Mello; Almeida, 2017).

Aconteceu no décimo quarto dia das duas semanas e meia de andança, fome, sede e medo de animais perigosos que se passaram entre o lugar em que Noor vivia com a família e o maior campo de refugiados do mundo, Dadaab, em território queniano. Em vários núcleos espalhados por um descampado de 50km², se arranjam como podem 250 mil flagelados pela seca, fome, epidemia de cólera e terrorismo, a quase totalidade deles somalis. O governo queniano decidiu que ninguém mais que aparecer por ali terá o status de refugiados, o que complica demais a vida já miserável de quem chega. Quer desativar o campo. Desde 2013, 75 mil pessoas foram repatriadas, segundo o vice-comissário do condado de Garissa, no Quênia, Harun Kamal, um dos entrevistados pela reportagem.

Ali, na fronteira sul da Somália e norte do Quênia – que a Europa estabeleceu arbitrária e despoticamente na Conferência de Berlim, entre novembro de 1884 e fevereiro de 1885 –, uma cerca de 700km de extensão está sendo levantada. Separa somalis de um lado e outro de uma divisa que eles, um povo só, uma mesma língua e religião – o islamismo –, estavam no passado acostumados a atravessar sem se preocupar com passaportes nem lei alguma, a não ser a lei maior da sobrevivência.

No texto que aqui apresentamos, de natureza descritivo-interpretativa e com a “liberdade de espírito” que o ensaio evoca (Adorno, 1986, p. 168), fazemos com espanto e respeito uma visita aos locais onde se desenrola a tragédia humana que a mediação social e política do jornalismo traz até nós, em textos e imagens.

Uma visão inicial sobre o projeto “Um Mundo de Muros” abre espaço, na sequência, para uma breve recordação das principais características ou exigências do gênero reportagem, no âmbito de uma categoria de textos que recebeu na história do jornalismo o nome de “interpretação”, ao lado e junto com duas outras categorias, mais tradicionais, a da opinião e a da informação. Nosso objetivo

principal, diferentemente de levantar cercas entre essas categorias de tratamento da informação jornalística, é reafirmar o lugar e a importância da reportagem, ontem como hoje, num contexto em que o jornalismo se pergunta, não sem alguma dose de angústia, como entender a si mesmo e ao seu papel nessa nova cultura (Anderson; Bell; Shirky, 2013).

São dois os passos seguintes. No primeiro, elegemos uma das sete reportagens, essa com a qual iniciamos este texto, para uma visão mais acurada, sem ser exaustiva, dos elementos técnicos, estéticos e éticos que nela se apresentam. O segundo passo conduz a reflexão para o campo disso que temos vindo chamando de teoria e epistemologia da compreensão, e por ali mesmo encerramos, com algumas anotações sobre a ideia de dar ao jornalismo interpretativo suas cartas de nobreza no momento atual de fortes mudanças nos campos da informação e da comunicação. A compreensão, no sentido de uma atitude cognitiva e de um método-caminho, constitui o objeto das preocupações e esforços acadêmicos do grupo de pesquisa “Da compreensão como método” (<www.dacompreensao.com.br>), de que os autores fazemos parte.

A série “Um Mundo de Muros”

A reportagem sobre os refugiados do campo de Dadaab integra a série especial “Um Mundo de Muros: as barreiras que nos dividem”, publicada pela *Folha de S.Paulo* entre junho e setembro de 2017. São sete reportagens multimídia que, no melhor estilo da reportagem jornalística, se ocupam com o fato atual, tão dramático quanto às vezes desconhecido em sua verdadeira dimensão, de que “um mundo cada vez mais interconectado tem erguido muros e cercas para bloquear aqueles que considera indesejáveis”. Eram 17 em 2001 e passaram a 70 em 2017, segundo dados levantados pelo jornal. “Alguns separam fronteiras. Outros dividem a mesma população. Alguns freiam refugiados. Outros escondem a pobreza. Ou o medo. Ou a guerra. Ou a desigualdade. Ou a mudança climática” (Um mundo, 2017).¹

¹ A série traz as seguintes reportagens:

1) Cisjordânia/Israel – “Conflito ancestral: Barreira construída para trazer segurança aparta vidas e memórias” (“*Concreto que serpenteia por terras palestinas freou homens-bomba, mas afastou prospecto de paz*”), por Diogo Bercito e Lato de Almeida (2017);

2) Peru/Peru – “Segregação: Muro da Vergonha separa indígenas de ‘gringos’ em Lima” (“*Dez quilômetros de barreira de concreto que cortam os morros da capital peruana resumem o abismo social e étnico no país*”), por Fabiano Maisonave e Avenier Prado (2017);

3) Sérvia/Hungria – “Persistência: Na porta da Europa, tentar entrar é ciclo de perpétua incerteza” (“*Política anti-imigrantes de premiê húngaro deixa no limbo, no mato e na neve milhares de retirantes e refugiados vindos da África, Ásia e Oriente Médio*”), por Patricia Campos Mello e Lalo de Almeida (2017).

4) Brasil/Brasil – “Excluídos: À beira da estrada, a pobreza se esconde e o crime prospera” (“*Milhões passam diante da Vila Esperança, seus desempregados e seu esgoto aberto, mas, graças à gestora da rodovia dos Imigrantes, não a veem*”), por Patricia Campos Mello e Lalo de Almeida (2017);

Idealizada por Patricia Campos Mello e Lalo de Almeida, a série mobilizou durante alguns meses uma ampla e diversificada equipe de profissionais, 22 nas contas do próprio jornal, de repórteres a editores de fotografia e vídeo, entre outros (Um mundo, 2017). O que fica patente nesse empenho coletivo é o fato, desde sempre reconhecido no mundo da produção de informação de atualidade, que reportagem que procura reunir o melhor da técnica, da estética e da ética jornalística custa tempo, muito empenho e investimentos financeiros.²

A série ganhou o Prêmio do Comitê Internacional da Cruz Vermelha de Cobertura Humanitária Internacional, tendo o júri destacado a “pluralidade de perspectivas em torno de um problema humanitário global muito contemporâneo” e cumprimentado o jornal pela “utilização ‘primorosa’ de recursos técnicos” (Série Um mundo, 2017).

“Um Mundo de Muros” ganhou também por unanimidade o prêmio Rei da Espanha de Jornalismo Digital, que é dado em parceria pela agência EFE e pela Agência Espanhola de Cooperação Internacional e Desenvolvimento, órgão do Ministério de Relações Exteriores espanhol. Além de destacar o significado humanitário do trabalho, o júri “chamou a atenção também para diferenciais como o uso de drones e de vídeos 360° na série de reportagens especiais”, informa a *Folha*. “Ao lado do Prêmio Maria Moors Cabot, da Universidade Columbia (EUA), o Prêmio Rei da Espanha é um dos mais importantes do jornalismo internacional” (Série Um mundo, 2017)³.

A ideia para a série de reportagens veio do contato direto com os estudos da pesquisadora Élisabeth Vallet e de sua equipe. Vallet é professora do Departamento

5) Quênia/Somália – “Pobreza: Na fronteira dos desprovidos, quem foge da fome se depara com o terror” (“*Cerca erguida entre dois dos países mais pobres do mundo para tentar frear o terrorismo barra famílias assombradas por seca, doenças e um Estado falido*”), por Patricia Campos Mello e Lalo de Almeida (2017);

6) México/EUA – “Ao sul da fronteira: Expectativa e ressentimento atormentam quem fica para trás” (“*Sombra da barreira que começou a ser erguida nos anos 90 encobre debate migratório e preocupa quem a cruza; enrijecimento político já se faz sentir*”), por Fabiano Maisonave e Lalo de Almeida (2017);

7) EUA/México – “Na terra de Trump: Ao norte da fronteira, passado acalenta e futuro intimidado” (“*Enquanto discurso de segurança prevalece e número de imigrantes diminui, os que atravessam almejam ver familiares e não ter medo*”), por Isabel Fleck e Avener Prado (2017);

² Por reportagem bem-feita, como se verá adiante, entendemos a prática do gênero que leva em conta os elementos consagrados pela tradição de estudos e pesquisas no campo do jornalismo. Entendemos, ainda, como também iremos sublinhar adiante, que os recursos tecnológicos potencializam, sem substituir, os elementos dessa tradição. Uma pesquisa interessante seria levantar os detalhes de todo esse investimento de recursos humanos e financeiros, num tempo em que os jornais, como se sabe, investem cada vez menos na produção de reportagem no velho e sempre novo estilo.

³ A série de reportagens recebeu também o Prêmio Folha de Jornalismo de 2017, que é concedido anualmente aos melhores trabalhos produzidos pelos profissionais do jornal (Folha Premia, 2017).

de Geografia da Universidade de Québec em Montréal, no Canadá, onde também dirige o centro de estudos sobre geopolítica. Ela começou a estudar muros e cercas do mundo dois anos depois do 11 de Setembro de 2001 e organizou o livro que é referência sobre o assunto, *Borders, fences and walls: state of insecurity?*, publicado pela editora Ashgate em 2014, como informa a *Folha* numa entrevista, feita por Patricia Campos Mello (2017) à pesquisadora.

A reportagem ontem e hoje

A modo de auxílio para a compreensão do jornalismo interpretativo e da reportagem como o principal gênero de seu exercício, e, ainda, como preparação para os comentários que seguirão sobre a série em geral e a reportagem Somália/Quênia em particular, fazemos um corte para observar de perto, ainda que de forma breve, aquilo que Edvaldo Pereira Lima (2009, p. 355) chama de “princípios que regem o jornalismo literário”, ou suas “bases filosóficas”.⁴ Preferimos, no entanto, imaginar, com um pedido de licença ao autor, que esses dez princípios, e outros vizinhos a esses ou que com eles se inter cruzam, constituam propriamente o campo de expectativas de todo trabalho honesto e bem feito de reportagem jornalística, em mais de um estilo de linguagem.

Lima identifica “a exatidão e a precisão” como primeiro princípio desse ideário, querendo sublinhar, mais que a “exatidão” e a “precisão”, o resultado de um trabalho sério e compreensivo de apuração e edição. Na reportagem, também, ele continua, busca-se “contar (uma) história”, tendo-se como campo de operação o fértil terreno da narrativa jornalística. A “humanização” é um terceiro elemento, seguido pela ideia de “compreensão”, embora os princípios não obedeçam a uma escala específica de valor. Muito cara ao grupo de pesquisa “Da compreensão como método”, a compreensão, como apresenta Lima, é diferente da explicação.

“A explicação adota geralmente uma visão unilateral, verticalizada, de cima para baixo, reducionista. Mostra o mundo sob uma ótica única ou de pouca abertura”, escreve o autor. “Já a compreensão busca exibir o mundo sob perspectivas diversificadas. Mais do que isso, ilumina as conexões entre conteúdos aparentemente desconectados. Interliga dados, mostra sentidos, perspectivas” (Lima, 2009, p. 366).

O quinto fundamento do jornalismo literário – para nós, do jornalismo de (grande-)reportagem, ou interpretativo – é “a universalização temática das histórias contadas”. Seguem-lhe os princípios do “estilo próprio e voz autoral” e da “imersão”: “O autor precisa partir a campo, ver, sentir, cheirar, apalpar, ouvir os ambientes por onde circulam seus personagens” (Lima, 2009, p. 373).

⁴ Monica Martinez (2008), em “O novo capítulo 5: jornalismo com alma”, traz em forma de resenha um breve resumo dos dez princípios apontados por Lima.

Adiantando em parte o que traremos no próximo item, entendemos que o princípio básico da imersão, que tanto corre o risco de ser jogado para escanteio no mundo das novas possibilidades geradas pelas tecnologias digitais e pela cultura de redes, assume uma relevância ímpar na série “Um Mundo de Muros”. Isso se deixa observar com particular intensidade em contextos trágicos como o que deu origem à reportagem sobre o campo de refugiados de Dadaab.

Patricia Campos Mello e Lalo de Almeida, os idealizadores da série e autores dessa reportagem, numa entrevista que concederam sobre o projeto, ressaltam a propósito a ideia de que o repórter deve se colocar “na pele do outro”. “Ir até lá e se colocar no lugar do refugiado permite ter mais empatia, entender o que passa pela cabeça dos refugiados, por que um refugiado faz o que faz, por que foge...”, expressou a jornalista a Carlos Meneses Sánchez (2018).⁵

Os três princípios restantes são o do “simbolismo”, da “criatividade” e da “responsabilidade ética”. “É o simbolismo que me permite fazer ponte entre um fato ou situação com seu sentido universal” (Lima, 2009, p. 379). O tema da criatividade, por sua vez, traz para o debate o fato de que todo repórter é por natureza um autor e criador. Depois de mergulhar na realidade esforçando-se para se colocar no lugar do outro, ele organiza a “história do que ouviu e viveu numa narrativa consistente, representação simbólica de ações, cenários e personagens reais. Nas duas pontas do seu trabalho, precisa ser criativo. Isto é, precisa ter engenhosidade, gerar o novo” (Lima, 2009, p. 384). Já a habilidade de responder de forma ética às complexas demandas sociais de seu tempo, relembra o compromisso do jornalista com a realidade, e que “sua credibilidade depende disso” (Lima, 2009, p. 389).

Numa reportagem, e melhor ainda numa grande reportagem, as linhas de tempo e espaço se ampliam e enriquecem. “Enquanto a notícia fixa o aqui, o já, o acontecer, a grande reportagem abre o aqui num círculo amplo, reconstitui o já no antes e depois, deixa os limites do acontecer para um estar acontecendo atemporal ou menos presente”, escrevia Cremilda Medina, em 1977, ano do lançamento da obra *Notícia: um produto à venda* (1988), fornecendo elementos básicos da construção da narrativa da reportagem: “Através da contemplação de fatos que situam ou explicam o fato nuclear, através da pesquisa histórica de antecedentes ou através da busca do humano permanente no acontecimento imediato, a reportagem leva a um quadro interpretativo do fato” (Medina, 1988, p. 115).

⁵ O gesto compreensivo de “Colocar-se no lugar do outro”, que resulta de uma longa prática jornalística ligada a causas humanitárias, deu título a um perfil da repórter publicado na obra *Elas amam o que fazem: perfis de mulheres jornalistas*, organizada por Renata Carraro (2017). O texto, de autoria de Isabella Liporoni (2017), foi produzido no contexto do projeto “Jornalizando”, desenvolvido por Carraro junto a alunos da sexta etapa do curso de Jornalismo das Faculdades Integradas Rio Branco, de São Paulo, capital.

Na obra, a autora faz menção a um dos livros pioneiros sobre o jornalismo interpretativo no Brasil, *A arte de tecer o presente: jornalismo interpretativo*, lançado por ela e Paulo Roberto Leandro, em 1973, quando ambos foram chamados a assumir a disciplina Jornalismo Interpretativo na graduação em Jornalismo da Universidade de São Paulo e se defrontaram com a falta de bibliografia a respeito do tema no País. Os autores citam um dos mais importantes teóricos do jornalismo interpretativo, o estadunidense Curtis MacDougall, que, em *Interpretative reporting*, lançado em 1938, fala de um movimento na sociedade dos Estados Unidos, desde os inícios do século XX, em busca de notícias em profundidade.

Na visão desse autor, o jornalismo “deve conduzir o leitor aos bastidores da ação”. Faz isso ao “relatar as notícias dentro da moldura da vida e experiência do leitor”, ao “demonstrar o sentido dos fatos, dar perspectivas às notícias diárias, significado às ocorrências”, ao “apontar para a relevância das correntes dos acontecimentos e assim por diante” (apud Medina; Leandro, 1973, p. 13).

Na reportagem interpretativa, ou grande-reportagem, persegue-se a compreensão do fato jornalístico, mais do que a explicação.⁶ Isso se dá “através da complementação de fatos que situem ou interpretem o fato nuclear, através da pesquisa histórica de antecedentes, ou através da busca do humano permanente no acontecimento imediato” (Medina; Leandro, 1973, p. 25).⁷

O nascimento do jornalismo interpretativo tem a ver com um movimento de insatisfação com a simples notícia, que ocorreu de modo sintomático nos Estados Unidos, a pátria do jornalismo noticioso, principalmente ao redor da Primeira Guerra Mundial (Leandro; Medina, 1973; Medina, 1988; Lima, 2009). É quando nasce de fato a categoria do jornalismo interpretativo, a reportagem como seu gênero predileto e um veículo para sua difusão coletiva, a revista semanal de informação. A revista *Time* foi a primeira do gênero, lançada nos Estados Unidos

⁶ A diferença básica entre explicar e compreender traça uma linha divisória importante entre duas correntes de pensamento associadas ao ato de interpretar no jornalismo. Enquanto, de um lado, Medina e Lima entendem a interpretação como um processo que começa com a prática do melhor que a atividade jornalística pode oferecer, em termos de apuração, contextualização, imersão, humanização etc., e termina com a recepção por parte do sujeito-leitor-produtor de sentidos, outros, como Luiz Beltrão, que lançou em 1976 a obra *Jornalismo Interpretativo* (1980), e José Marques de Melo, em *A opinião no jornalismo brasileiro*, lançada em 1985, tendem a transformar o jornalista em intérprete que “explica” os fatos. Em *Gêneros jornalísticos no Brasil* (2010), Melo e Francisco de Assis revisitam a noção de jornalismo interpretativo, em texto de Lailton Alves da Costa e Janine Marques Passini Lucht. De acordo com esses autores, que assumem no texto um distanciamento da figura do jornalista como filho do Iluminismo, o gênero interpretativo é representado por um jornalismo de profundidade, que investiga o acontecimento e deixa que “a massa interprete a realidade” (p. 113).

⁷ Essa ampliação da notícia atinge um grau de excelência no livro-reportagem, segundo Lima (2009, p. 26), por meio da “horizontalização do relato – no sentido da abordagem extensiva, em termos de detalhes – e também sua verticalização – no sentido de aprofundamento da questão em foco, em busca de suas raízes, suas implicações, seus desdobramentos possíveis”.

em 1923. O modelo foi copiado em seguida no mundo inteiro, inclusive no Brasil (Lima, 2009, p. 19).

De algum modo, a nosso juízo como docentes e pesquisadores da área, esse movimento guarda semelhanças com algo que, num contexto e dimensão diferentes, ocorre também hoje: a demanda por aprofundamento e qualidade da notícia, num mundo em que o risco não é o de se morrer de inanição por falta de informação, mas de obesidade informativa. Num mundo de tanta informação circulando (em excesso e tantas vezes de qualidade duvidosa, para não entrarmos no tema atual das chamadas *fake news*), cresce a demanda por sentidos, nexos, aprofundamento, interpretação. O avanço técnico-científico do final do século XIX e início do século XX, na área de comunicação inclusive, possibilitava a produção de um volume jamais anteriormente imaginado de informações, tornando, porém, “impossível a qualquer ser humano acompanhar a evolução dos grandes acontecimentos apenas coletando fatos isolados” (Leandro; Medina, 1973, p. 17-18).

Concerto de vozes e de sentidos

Não é o caso, nem temos a intenção ou mesmo espaço disponível para tanto, de proceder a um exame detalhado de como se mostra o exercício dos princípios apontados por Lima, e de outros princípios que lhes estão próximos, como os da polifonia e da polissemia, na reportagem sobre os refugiados somalis e sobre a cerca que está sendo erguida pelo Quênia na divisa entre os dois países.⁸

O que acontece no continente africano quando o tema é um dos mais atuais da contemporaneidade, o dos refugiados? O que sabemos daqueles países que, ao mesmo tempo que forçam o deslocamento de milhares de pessoas também recebem outras tantas milhares, como apontado no relatório *Tendências Globais* da Agência da ONU para Refugiados (UNHCR).⁹ O universo que envolve a

⁸ Continuando a navegar pelos mares da liberdade que o gênero do ensaio oferece, iremos chamar a atenção para um ou outro elemento que julgamos mais relevante salientar, tendo inclusive em conta que coisas muito importantes já foram adiantadas nas páginas anteriores. Por exemplo, quando citamos os prêmios que a série “Um mundo de muros” recebeu e por que os recebeu (caráter humanitário, múltiplas vozes, bom uso de recursos digitais, entre outros); quando falamos sobre a importância da imersão, na voz dos próprios repórteres-autores brasileiros Patricia Campos Mello e Lalo de Almeida; ou, ainda, sobre a contextualização do fato por via da consulta a vozes especializadas (a pesquisadora canadense Élisabeth Vallet e sua equipe), e, por fim, sobre os investimentos do jornal, em pessoal e em recursos financeiros, para proporcionar ao leitor um quadro complexo e multiangular dos acontecimentos, facilitando, assim, uma interpretação compreensiva dos mesmos.

⁹ Em 2017 Uganda, por exemplo, foi o terceiro país que mais recebeu pessoas em situação de refúgio, atrás apenas da Turquia e do Paquistão. Foram 1.4 milhões de pessoas que chegaram ao país. Já o Sudão do Sul e a Somália, aparecem como o 3º e 5º países com maior número de refugiados, no mesmo período. A crise em diversos países do continente africano, de forma geral, contribuiu para o aumento no número de pessoas em situação de refúgio no ano passado. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/5b27be547>>. [consultado el 3 jul. 2018]

barreira entre o Quênia e a Somália nos parece um dos mais invisibilizados pela mídia e pela opinião pública mundial, mesmo tendo se implantado ali o maior campo de refugiados do mundo. O tema da ética e da responsabilidade social e política do jornalismo, que faz parte da lista de princípios sugeridos por Lima, ganha na reportagem um crédito dos mais dignos e importantes.

Texto, cerca de dez infográficos, três vídeos e vinte fotografias compõem a reportagem “Na fronteira dos desprovidos, quem foge da fome se depara com o terror” (Mello; Almeida, 2017). Na era do jornalismo multimídia, nem só de texto vive uma boa reportagem: nela, a tecnologia se põe a serviço dos propósitos de uma reportagem compreensiva. Fotos, vídeos, texto e outros recursos visuais encontram-se em relação de complementaridade. Nada substitui nada. Aqui, no campo de uma visão compreensiva, o velho é, sim, amigo do novo.

Os infográficos nos auxiliam a montar, compreensivamente, o quebra-cabeças do complexo fenômeno social. Numa reportagem cuja pauta é representada por temas tão atuais e relevantes como os do refúgio, da pobreza, da fome, do terrorismo e de dois países separados por uma cerca, mesmo que culturalmente mais semelhantes do que diferentes, como diz o entrevistado Mohammad Salat, chefe da aldeia BP1 (*Border Point 1*, o primeiro ponto da fronteira entre os dois países, que fica próximo a Mandera, no Quênia), acessamos imagens, informações, testemunhos, histórias e emoções que tentam organizar os sentidos num caos gerado pelo mundo contemporâneo. E, da forma como entendemos, sem reduzir o complexo ao simples, nem transformar o drama humano em espetáculo, a tentativa é bem-sucedida.

A idade média da população nos dois países; os dados sobre a fome no Quênia e na Somália, sobre a epidemia de cólera e a precariedade do sistema de saúde somali, uma recuperação histórica dos motivos que levaram milhares de somalis a emigrar; a situação econômica nos dois países (Produto Interno Bruto e renda *per capita*); além de informações sobre os países em que o grupo terrorista somali Al Shabaab atua, são alguns dos importantes números que a reportagem oferece ao nosso esforço por compreensão. Quantidade em função da busca de qualidade, sem configurar certezas sobre nada.

Uma reportagem que tenta abraçar a complexidade do real não se alimenta só de números: é feita também de múltiplas vozes (polifonia), que fazem emergir múltiplos sentidos (polissemia), enriquecendo a narrativa. Os dois repórteres brasileiros são regentes de um concerto composto de múltiplas vozes (dez das quais são nomeadas), que envolvem fontes oficiais quenianas e os “não-olimpianos” (Künsch, 2000, p. 20)¹⁰, aquelas pessoas que o jornalismo “com propósito

¹⁰ Fredrick Shishia, comissário do condado de Mandera, no Quênia; Saadia Kullow, funcionária pública queniana; e Harun Kamal, vice-comissário do condado de Garissa, no Quênia, cumprem seus papéis de fontes oficiais e expõem as razões pelas quais a construção da cerca

difusionista” (Medina, 2003, p. 55) constantemente ignora.¹¹ Regentes de vozes e sentidos, ambos visitam o lado queniano da cerca para ensaiar compreender os motivos que justificam a separação entre os países, representada por uma barreira de madeira e arame farpado vigiada por policiais.

Uma visão complexa do fenômeno aparece na tessitura dos diferentes sentidos, que aponta as dificuldades que os refugiados enfrentam no cotidiano e os motivos que fazem com que saiam de um Estado falido para um país igualmente cheio de dificuldades, e em que por diferentes razões não são bem-vindos, mulheres, homens e crianças.

O concerto de vozes e sentidos ganha força e complexidade quando repórter e fotógrafo tentam traçar um perfil da família de Noor Addow, suas esposas, filhos e filhas: o dia-a-dia, a alimentação possível (já que não ganham mais o “*ration-card*”, o vale-refeição quinzenal que dá acesso a uma porção de cereais, óleo, açúcar, sal, vegetais e frutas), a trajetória da Somália ao Quênia, o alojamento no campo e o que pensam para o futuro são preocupações que surgem da conversa entre jornalistas e personagens. O drama da família Addow se universaliza, por via do símbolo, a ponto de atingir a condição humana universal. Na tragédia de uma história particular, a tragédia do mundo dividido, orgulhoso de si mesmo pelas revoluções tecnológicas que celebra, mas profundamente assimétrico. De alguma forma, os filhos recém-nascidos de Fatma morrem no colo de todos nós, enquanto Noor conclama os adultos a seguir viagem, porque caso contrário outros filhos morrerão.

Uma menção especial merece o impacto visual da fotografia de Lalo de Almeida. As imagens se esforçam por situar o leitor da melhor forma possível no conflito e de apresentar um rosto, corpo e identidade aos personagens. A fotografia exerce um importante papel de mediadora do diálogo entre jornalistas e o público; é quase como se pudéssemos, onde quer que estejamos, sentir a aridez do campo de Dadaab.

O princípio de “exatidão e precisão”, no sentido, como apontado antes, de trabalho sério de pesquisa e apuração, guia toda a reportagem: jornalista e repórter fotográfico realizam um consistente trabalho de apuração de informações, se

faz, sim, sentido para eles. Jean Bosco Rushatsi, chefe de operações do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados nos Campos de Dadaab; Liesbeth Aelbrecht, chefe da missão dos Médicos sem Fronteiras no Quênia; e Mohammad Salat, chefe do vilarejo BP1, aparecem na condição de pessoas que vivem, ainda que não na condição de refugiados, o dia-a-dia no campo.

¹¹ Medina (2003, p. 13) entende o jornalismo difusionista como aquele cuja prática preza pela velocidade, pela especialização, pela redução da complexidade do real e que, no geral, mais desorienta que orienta seu público. Nesse tipo de jornalismo, há uma preocupação excessiva, e às vezes exclusiva, com a veiculação de números, dados e tabelas. É “a difusão de conceitos e juízos de valor se sobrepondo ao discurso de relação no âmbito das experiências humanas”.

cercam de fontes relevantes e perseguem dados que ajudam na orientação de quem lê e também vê a reportagem. O texto é claro, direto, sem deixar de lado o uso da “criatividade” e da “voz autoral”, que se dá num relato não-burocrático. O melhor exemplo continua sendo o da jornada da família Addow.

Vale a pena mencionar a “explicação do fato nuclear” e a “pesquisa histórica”, entendidas por Medina e Leandro (1973) como fundamentais para o jornalismo interpretativo. Contribuem para isso as informações levantadas e trazidas pelos infográficos e um segundo vídeo produzido pela equipe da *Folha de S.Paulo*, que contextualiza e recupera conflitos protagonizados pelo Al Shabaab, a facção extremista islâmica que é um dos braços da Al Qaeda no continente africano.

A equipe de reportagem volta a 1991 para recuperar o acontecimento da Guerra Civil da Somália, iniciada depois que o país saiu do domínio do ditador Siad Barre, quando facções diversas passaram a competir pelo domínio do território, inclusive o Al Shabaab. Relembrar ou apresentar esse momento histórico é fundamental para a compreensão da reportagem, já que as autoridades quenianas defendem a construção da cerca, acima de tudo, por conta dos ataques desse grupo terrorista. Ataques reais, não inventados. A reportagem levanta os casos, traz histórias. Histórias de pavor.

No entanto, a “pesquisa histórica” não basta. Ela vem acompanhada de outro princípio sugerido por Lima (2009): o de “contar uma história”. Deixando de lado o relato asséptico, que se distancia dos indivíduos que compõem a narrativa, é a partir da saga da família somali dos Addow que passamos a conhecer, “na pele”, junto com os repórteres, o drama humano de todos os refugiados. Sem os Addow, não teríamos ideia do dia a dia no campo de Dadaab.

O olhar cuidadoso e sensível dos repórteres transparece ao longo de toda a reportagem. Não é apenas quando o Sr. Addow pede para não lhe perguntarem sobre a perda dos dois recém-nascidos. É também quando descreve, cuidadosamente, a pequena Salado, de 2 anos, que está com malária. “A menina franzina tem braços finos e barriga protuberante, marcas da desnutrição crônica” (Mello; Almeida, 2017). Num outro momento, a reportagem presta atenção na alimentação da família: “Todos os dias, a filha mais velha recolhe as folhas no mato e ferve com água numa panela até que virem uma papa verde viscosa”. Para quem não conta com a certeza da alimentação diária, a refeição não é ruim. “É até salgadinha”.

O enxame insuportável de moscas, que parece ameaçar comer a pequena Salado, cobrindo-lhe a boca, os olhos e os ouvidos segundos depois de serem espantadas, fala. Grita. São imagens que (re)produzem sentidos. Incomodam. Moscas malditas, que tornam ainda mais insuportável o drama de um ser indefeso, símbolo eloquente da nossa frágil, humana e tantas vezes trágica condição. A descrição cuidadosa de Patricia Campos Mello e as fotos sensibilizadoras de Lalo

de Almeida se deixam compreender no contexto do Signo da Relação (Medina, 2006), que pressupõe presença e encontro de corpos, de mentes e sentidos.

Compreender o mundo em que se vive (ou nossas considerações)

O método da compreensão, em seus diferentes sentidos – da intersubjetividade, da ética e da produção de conhecimento, entre outros –, abraça a complexidade do mundo, sem fixar sua doideira sobre o rolo compressor da certeza, sob o frequente engodo do signo da explicação. A (grande-)reportagem, em seu sentido mais tradicional conversa amigavelmente com o método da compreensão. É compreensiva.

A compreensão nunca se esgota. Ela vale para uma vida inteira, chama a atenção Hannah Arendt (2008), traduzindo para o seu tempo a tragédia do nazismo, com o significado político da compreensão. Frente ao totalitarismo e à “banalidade do mal”, uma atitude compreensiva, numa tentativa de reconciliação com este mundo, que é a nossa casa – *Amor mundi* (Arendt, 1997). Apesar de tudo. Como partes que somos da tragédia e comédia humanas, cultivando a compreensão nos entendemos como humanos. Nos produzimos como humanos.

Em seu ensaio “Compreensão e política” (2008, p. 333-334), Arendt relaciona a compreensão a uma perspectiva subjetiva: “o processo de compreensão” é também “um processo de autocompreensão”, e também cognitiva: “o conhecimento e a compreensão não são sinônimos, mas estão interrelacionados”, pois “a compreensão se baseia no conhecimento e o conhecimento não pode avançar sem uma compreensão tácita preliminar”. Na verdade, “a compreensão precede e sucede o conhecimento”.

O esforço humano de narrar histórias, o olho no olho, a escuta atenta e o diálogo, e outras tantas ferramentas e princípios éticos, técnicos e estéticos que agenciam o esforço da (grande-)reportagem, devem ter sempre espaço no jornalismo, porque formam parte constitutiva dessa nossa humana condição de buscar a compreensão e de assim, nos entendermos como humanos nesta casa comum. As tecnologias, nesse contexto compreensivo, não substituem o papel de jornalistas. Antes, se colocam a serviço da e complementam a narrativa. Colaboram na tessitura dos sentidos.

Encerrando este nosso ensaio, como sugere Adorno (1986, p. 166), não porque nada mais tenhamos a dizer, mas porque o ensaio começa por onde quer e, tendo sido conversado sobre um tema sem o propósito de alcançar uma verdade e uma certeza avassaladoras, termina onde acha que deve, voltamos a sublinhar o seguinte: numa época em que temos informação demais e, às vezes, orientação de menos, conexões demais e nexos poucos, parece justo vislumbrarmos na reportagem interpretativa, que se produz sob o signo da compreensão, não uma saída para nada, mas a resposta a um apelo, a um chamado à responsabilidade

pública do jornalismo. Pode ser esta uma das lições que a série “Um mundo de muros” quer nos ensinar.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. 1986. O ensaio como forma. In: COHN, Gabriel (Org.). *Theodor W. Adorno*. São Paulo: Ática, p. 165-187.
- ANDERSON, Chris W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. 2013. Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. *Revista de Jornalismo ESPM*, n. 5. ano 2, p. 30-89.
- ARENDT, Hannah. 1997. *O conceito de amor em Santo Agostinho*. Lisboa: Instituto Piaget.
- ARENDT, Hannah. 2008. *Compreender: formação, exílio e totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG.
- BELTRÃO, Luiz. 1980. *Jornalismo interpretativo*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina.
- BERCITO, Diogo; ALMEIDA, Lalo de. 2017. Barreira construída para trazer segurança aparta vidas e memórias. *Folha de S.Paulo*, São Paulo. Disponível em: <<http://arte.folha.uol.com.br/mundo/2017/um-mundo-de-muros/israel/conflicto-ancestral/>> [consultado el 8 jul. 2018].
- FLECK, Isabel; PRADO, Avenir. 2017. Ao norte da fronteira, passado acalenta e futuro intimida. *Folha de S.Paulo*, São Paulo. Disponível em: <<http://arte.folha.uol.com.br/mundo/2017/um-mundo-de-muros/eua/na-terra-de-trump/>> [consultado el 8 jul. 2018].
- FOLHA PREMIA especial ‘Um mundo de muros’. 2018. *Associação Nacional de Jornais*, DF, Brasília. Disponível em: <<https://anj.org.br/site/jornais-participantes/97-midia-nacional/5642-folha-premia-especial-um-mundo-de-muros.html>> [consultado el 8 jul. 2018].
- LIMA, Edvaldo Pereira. 2009. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. 4. ed. Barueri/SP: Manole.
- LIPORONI, Isabella. 2017. Patrícia Campos Mello: colocar-se no lugar do outro. In: CARRARO, Renata (Org.). *Elas amam o que fazem: perfis de mulheres jornalistas*. Jundiaí, SP: Editora Inhouse, p. 213-233.

- MACDOUGALL, Curtis. 1950. *Interpretative Reporting*. New York: The Macmillan Company.
- MAISONNAVE, Fabiano; ALMEIDA, Lalo de. 2017. Expectativa e ressentimento atormentam quem fica para trás. *Folha de S.Paulo*, São Paulo. Disponível em: <<http://arte.folha.uol.com.br/mundo/2017/um-mundo-de-muros/mexico/ao-sul-da-fronteira/>> [consultado el 8 jul. 2018].
- MAISONNAVE, Fabiano; PRADO, Avenér. 2017. Muro da Vergonha separa indígenas de ‘gringos’ em Lima. *Folha de S.Paulo*, São Paulo. Disponível em: <<http://arte.folha.uol.com.br/mundo/2017/um-mundo-de-muros/peru/segregacao/>> [consultado el 8 jul. 2018].
- MARTINEZ, Monica. 2008. O novo capítulo 5: jornalismo com alma. *Libero*, v. 11, n. 22, p. 151-152.
- MEDINA, Cremilda. 2003. *A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano*. São Paulo: Summus.
- MEDINA, Cremilda. 1988. *Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial*. São Paulo: Alfa-Ômega.
- MEDINA, Cremilda. 2006. *O signo da relação: comunicação e pedagogia dos afetos*. São Paulo: Paulus.
- MEDINA, Cremilda; LEANDRO, Paulo Roberto. 1973. *A arte de tecer o presente: jornalismo interpretativo*. São Paulo: Edição dos Autores.
- MELO, José Marques de. 1985. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes.
- MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. (Orgs.). 2010. *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo: Editora Metodista.
- MELLO, Patricia Campos; ALMEIDA, Lalo de. 2017. À beira da estrada, a pobreza se esconde e o crime prospera. *Folha de S.Paulo*, São Paulo. Disponível em: <<http://arte.folha.uol.com.br/mundo/2017/um-mundo-de-muros/brasil/excluidos/>> [consultado el 8 jul. 2018].
- MELLO, Patricia Campos. 2017. Globalização gerou insegurança e, ao invés de derrubar, reforçou fronteiras. *Folha de S.Paulo*, São Paulo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/09/1918764-globalizacao-gerou-inseguranca-e-ao-inves-de-derrubar-reforcou-fronteiras.shtml>> [consultado el 8 jul. 2018].

MELLO, Patricia Campos; ALMEIDA, Lalo de. 2017. Na fronteira dos desprovidos, quem foge da fome se depara com o terror. *Folha de S.Paulo*, São Paulo. Disponible en: <<https://arte.folha.uol.com.br/mundo/2017/um-mundo-de-muros/quenia/pobreza/>> [consultado el 8 jul. 2018].

MELLO, Patricia Campos; ALMEIDA, Lalo de. 2017 Na porta da Europa, tentar entrar é ciclo de perpétua incerteza. *Folha de S.Paulo*, São Paulo. Disponible en: <<http://arte.folha.uol.com.br/mundo/2017/um-mundo-de-muros/servia/persistencia/>> [consultado el 8 jul. 2018].

SÁNCHEZ, Carlos Meneses. 2018. Equipe da “Folha de S.Paulo” se coloca na pele do outro para derrubar muros. *UOL*, São Paulo. Disponible en: <<https://entretenimento.uol.com.br/noticias/efe/2018/02/01/equipe-da-folha-de-spaulo-se-coloca-na-pele-do-outro-para-derrubar-muros.htm> > [consultado el 8 jul. 2018].

SÉRIE ‘UM MUNDO de muros’, da Folha, vence prêmio da Cruz Vermelha. 2017. *Folha de S.Paulo*, São Paulo. Disponible en: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/10/1930334-serie-um-mundo-de-muros-da-folha-vence-premio-da-cruz-vermelha.shtml> > [consultado el 8 jul. 2018].

UM MUNDO de muros. 2017. *Folha de S.Paulo*, São Paulo. Disponible en: <<https://arte.folha.uol.com.br/mundo/2017/um-mundo-de-muros/> > [consultado el 8 jul. 2018].

UNHCR. Global trends. Forced displacement in 2017. Disponible en: <<http://www.unhcr.org/5b27be547>> [consultado el 3 jul. 2018].